

Jacen adormecera em algum ponto de seu jantar, mas Jaina ainda mamava. Deitada de lado, Leia mudou de posição na cama sem sair do alcance da filha e apanhou a prancheta de leitura de novo. Pela própria contagem, já havia tentado pelo menos quatro vezes ler a tela.

— A quinta vez é sempre a melhor — murmurou para a filha, acariciando-lhe os cabelos.

Jaina, porém, tinha assuntos mais urgentes e não se deu ao trabalho de responder. Por um instante, Leia fitou a filha, um sentimento agradável no âmago, combatendo o cansaço. Aquelas pequenas mãos que afloravam seu corpo, o tufo de cabelos escuros sobre a cabeça, o pequeno rosto com a maravilhosa expressão de concentração infantil enquanto se alimentava. Uma nova vida, tão frágil e, no entanto, tão decidida.

Era difícil acreditar que ela e Han haviam criado aquela vida. As duas pequenas vidas.

Do outro lado do aposento, a porta que dava para a área comum do apartamento abriu-se.

— Oi, meu bem. Tudo certo? — indagou Han, em voz baixa.

— Tudo ótimo. Só estamos jantando de novo.

— Comem como wookies desnutridos — comentou o pai, observando a cena com orgulho. — Jacen já acabou?

— Acho que ele só queria a entrada. Daqui a pouco acorda para jantar.

— Gostaria que tivessem o mesmo horário — disse Han, sentando-se com cuidado na borda da cama e colocando a ponta do indicador na palma de Jacen. A mãozinha fechou-se sobre o dedo e Leia viu o sorriso torcido nos lábios do marido. — Ele vai ser muito forte.

— Você devia sentir a pressão do lado de cá — comentou Leia, olhando para Jaina. — Lando ainda está lá embaixo?

— Está. Ele e o general Iblis ainda estão conversando com o almirante Drayson. Ainda estão tentando convencê-lo a mandar um par

de naves para Nkllon — informou Han, passando o braço pelo ombro da esposa.

Leia sentiu o calor, quase tão agradável quanto o dos pensamentos dele, próximos a ela.

— E como vão indo?

— Nada bem. Não é possível conseguir levantar a Cidade Nômade com nada menor do que uma fragata de assalto. Drayson não parece ansioso para dispor de uma nave desse tamanho.

— Você não lembrou como precisamos dos metais que Lando produz lá?

— Eu disse, mas não ficou nem um pouco impressionado.

— Você tem de saber conversar com o Drayson — explicou Leia, olhando para Jaina, cujos olhos começavam a fechar-se. — Talvez quando ela dormir eu consiga dar um pulo até lá embaixo e dar uma ajuda a Lando.

— Certo. Não leve a mal, meu bem, mas dormir na mesa de negociação não vai ajudar ninguém — observou Han.

Leia fez uma careta, mostrando a língua.

— Não estou *tão* cansada, muito obrigada. E estou dormindo tanto quanto você.

— Não mesmo — respondeu, acariciando a bochecha de Jaina. — Eu, pelo menos, consigo cochilar durante aqueles lanches da meia-noite.

— Você não precisa acordar quando mamam de noite, Han. Winter e eu podemos tirar os bebês do berço tão bem quanto você.

— Que bom dizer isso. Pensei que eu fosse um cara útil para se ter por perto, até que os bebês chegassem. Agora não precisa mais de mim, certo? Tudo bem, pode me deixar de lado...

— Mas claro que eu preciso de você — disse Leia, em tom carinhoso. — Enquanto a maior parte dos dróides estiver a serviço da defesa e existirem dois bebês precisando ser trocados, você sempre terá um lugar aqui.

— Que maravilha. Acho que prefiro ser deixado de lado.

— Agora é muito tarde. Sei que quer ajudar, Han, e aprecio sua disposição. Me sinto culpada.

— Pois não precisa se sentir culpada — disse, apertando-lhe a mão. — Nós, contrabandistas da velha guarda estamos acostumados com horários estranhos, sabia? Por falar nisso, onde está Winter? Já foi dormir?

— Não, ainda não voltou — respondeu Leia, projetando os sentidos além da sala. O quarto de Winter estava vazio. — Ela está trabalhando num projeto próprio, lá embaixo... não sei o que é.

— Eu sei. Ela andou na biblioteca mexendo nos velhos arquivos da Aliança.

— Problemas?

— Não sei — respondeu Han, devagar. — Winter não fala muito sobre o que está pensando. Não comigo, pelo menos. Mas está preocupada com alguma coisa.

Além da porta, Leia pressentiu outra presença.

— Ela voltou. Vou ver se consigo descobrir o que é.

— Boa sorte — resmungou Han, levantando-se. — Acho que vou lá para baixo. Ver se consigo ajudar Lando a enrolar Drayson.

— Vocês dois deviam convidá-lo para jogar sabacc — sugeriu Leia. — Joguem valendo naves, como você e Lando fizeram com o *Falcon*. Pode ser que consigam ganhar uma fragata de assalto, ou pelo menos alguns botes salva-vidas.

— Jogar contra Drayson? Obrigado, meu bem, mas eu e Lando não saberíamos o que fazer com uma frota de naves. [Vejo você mais tarde.

— Certo. Amo você, Han.

— Eu sei — disse, com um sorriso.

Em seguida, saiu. Leia suspirou e ajustou o ombro contra o travesseiro. Voltou-se para a porta de comunicação:

— Winter!

Depois de um curto intervalo, a porta abriu-se.

— Sim, Alteza? — disse Winter, entrando.

— Gostaria de falar com você um instante, se for conveniente.

— Pois não — concordou ela, caminhando com a graça que Leia sempre invejara. — Jacen está dormindo. Quer que o coloque no berço?

— Por favor — aquiesceu Leia. — Han me disse que você está fazendo uma pesquisa nos velhos arquivos da Aliança. É verdade?

O rosto de Winter não se alterou, mas Leia pressentiu uma súbita mudança de ânimo e na linguagem corporal.

— E verdade. — Cuidadosamente, Winter levantou Jacen da cama e o carregou na direção do berço. — Acho que descobri um agente do Império no palácio. Estava tentando confirmar essa hipótese.

Leia arrepiou-se.

— Quem é?

— Eu gostaria de não fazer acusações antes de ter mais informações. Eu poderia estar errada.

— Aprecio muito seus escrúpulos, Winter, mas se você tem alguma idéia sobre essa Fonte Delta, precisamos saber agora mesmo.

— Esse assunto não está relacionado com a Fonte Delta. Pelo menos, não diretamente. Ela não está aqui o tempo suficiente para fazer parte disso.

Leia franziu a testa, tentando perceber o que a outra sentia. Havia um bocado de preocupação, convivendo com um forte desejo de não fazer acusações apressadas.

— É Mara Jade?

Winter hesitou.

— É. Mas devo lembrar que não tenho provas.

— Então o que você *tem*?

— Não muita coisa — respondeu Winter, ajeitando o cobertor ao redor de Jacen. — Na verdade, partiu de uma conversa curta que tive com ela quando a acompanhei da ala médica até o quarto. Ela me perguntou o que fiz durante a Rebelião e contei qual era meu papel, nos Suprimentos. Então ela me identificou como o Apontador.

Leia procurou na memória. Winter usara tantos codinomes naquela época.

— E estava errada?

— Não. Usei esse codinome por algum tempo. E esse é o problema. Fui conhecida como Apontador só por algumas semanas, em Averam. Antes da Inteligência do Império desbaratar a célula de resistência por lá.

— E Mara não estava entre o pessoal local? — quis saber Leia.

— Não sei. Nunca encontrei mais do que alguns do grupo. Por isso fui até os arquivos. Achei que podia existir uma lista completa em algum lugar.

— Duvido muito — disse Leia. — Os grupos locais de resistência nunca mantinham arquivos de pessoal. Seria a garantia da morte do grupo todo, se caísse nas mãos do Império.

— Sei disso — argumentou Winter. — O que nos deixa num impasse.

— Talvez — concedeu Leia, tentando lembrar de tudo sobre Mara.

Tanto quanto sabia, ela nunca dissera ter alguma ligação anterior com a Aliança Rebelde, o que corroborava a favor das suspeitas de Winter. Por outro lado, há menos de dois meses ajudara Luke a salvar Karrde de uma cela no bloco de detenção da própria nave do Grande Almirante. Isso tudo não faria muito sentido se ela fosse agente do Império.

— Acredito que qualquer que tenha sido o lado que Mara lutou, ficou no passado. A lealdade dela podia estar antes de qualquer lado, mas agora está com Karrde e o pessoal dele — afirmou Leia.

Winter sorriu.

— Isso é premonição Jedi, Alteza? Ou apenas a opinião da diplomata?

— Um pouco de cada. Não acredito que tenhamos nada a temer por parte dela.

— Espero que tenha razão — concordou Winter. — Posso colocar Jaina no berço, agora?

Leia olhou para baixo. Os olhos de Jaina estavam fechados e a boca fazia movimentos vagarosos de sucção no ar.

— Obrigada. A recepção para a delegação Sarkan ainda não acabou? — indagou ela, fazendo um último carinho na filha.

— Estava animado quando passei por lá — declarou Winter, acomodando Jaina no berço. — Mon Mothma me pediu para sugerir que descesse por alguns minutos se tivesse oportunidade.

— E aposto que ela gostaria — comentou Leia, espreguiçando-se e levantando da cama. — E lamento muito ter de desapontá-la. Mas

acredito que tenho algo mais urgente para fazer, agora. Você dá uma olhada nos gêmeos por mim?

Uma das vantagens da recente maternidade, era que tinha uma ótima desculpa para recusar as pequenas formalidades de sua função, que sempre tomavam tempo em demasia. Lá vinha Mon Mothma, tentando fazer com que ela voltasse ao carrossel diplomático outra vez.

— Claro. Posso perguntar onde vai? — arriscou Winter. Em pé, à frente do guarda-roupa, Leia escolhia algo mais adequado do que a camisola que usava. Apanhou um traje discreto e começou a mudar de roupa.

— Vou ver o que consigo descobrir sobre o passado de Mara Jade — disse ela, admirando-se ao espelho.

— Posso saber como? — indagou Winter, intrigada.

— É fácil. Vou perguntar a ela — explicou Leia, com um sorriso.

Ele apareceu à frente de Mara, o rosto escondido parcialmente pela gola da túnica e os olhos amarelados brilhando enquanto a fitavam através da distância infinita que os separava. Os lábios moveram-se, mas as palavras foram abafadas pelo soar desesperado dos alarmes em toda a volta, provocando uma pressa doentia, que logo se transformou em pânico. Entre ela e o Imperador duas figuras apareceram: a imagem imponente e escura de Darth Vader e a silhueta menor, trajando negro, de Luke Skywalker. Ambos estavam em pé, perante o Imperador, olhando um para o outro; acionaram seus sabres-laser. As lâminas se cruzaram, o vermelho esbranquiçado contra o verde-claro brilhante, preparando-se para o combate.

Então, sem aviso algum, as lâminas se separaram... e com gritos de ódio audíveis acima dos alarmes, os dois voltaram-se contra o Imperador.

Mara escutou o próprio grito, enquanto lutava para ir em socorro de seu mestre. Porém a distância era grande e o corpo desajeitado. Gritou um desafio, tentando distraí-los, pelo menos. Porém nem Vader nem Skywalker deram mostras de ouvi-la. Avançaram, flanqueando o Imperador... e ao levantarem os sabres, percebeu que o Imperador olhava para ela.

Encarou-o, querendo virar para não ver o desastre iminente, mas não conseguia mover-se. Um milhar de pensamentos e emoções

passaram por aquele olhar, um caleidoscópio de raiva, medo e dor que girava rápido demais para que ela o absorvesse. O Imperador levantou as mãos, enviando cascatas de faíscas azuladas sobre seus inimigos. Os dois vacilaram perante o contra-ataque e Mara esperou, agoniada, que dessa vez fosse diferente. Mas, não. Vader e Skywalker endireitaram-se, gritando de raiva e ergueram os sabres.

Por sobre as armas em riste ergueu-se o clamor de um trovão...

Com um espasmo que quase a atirou fora da cama, Mara acordou.

Respirou fundo, tentando expulsar o torvelinho de emoções; a dor, a raiva e a solidão. Mas desta vez ela não iria se dar ao luxo de lutar sozinha contra o inevitável. Do lado de fora ela pressentia outra presença; enquanto saía da cadeira na escrivaninha em posição agachada de combate, o trovão do sonho, uma batida na porta, repetiu-se.

Por algum tempo ela considerou a possibilidade de permanecer quieta e fingir que não havia ninguém, a fim de que o visitante fosse embora. Mas havia luz no quarto, visível através da fresta deixada pela antiga porta de dobradiças. Se a pessoa fosse quem ela suspeitava, não se deixaria enganar pelo silêncio.

— Entre — convidou Mara.

A porta rangeu ao ser aberta... mas não foi Luke Skywalker quem entrou.

— Oi, Mara — cumprimentou Leia Organa Solo. — Estou interrompendo alguma coisa?

— De jeito nenhum — respondeu Mara, reprimindo uma careta. — Estava só lendo alguns dos relatórios das regiões de combate. Entre, por favor.

A última coisa que desejava no momento era companhia, em especial a de alguém relacionado a Skywalker. Mas enquanto ela e Ghent estivessem confinados ao palácio, não seria uma atitude inteligente contrariar alguém da influência de Organa Solo.

— Obrigada. Eu mesma estava lendo esses relatórios agora há pouco. O Grande Almirante Thrawn está justificando a confiança do Imperador em suas habilidades.

Mara encarou-a, imaginando o que Skywalker teria comentado com ela. Mas os olhos de Organa Solo estavam voltados para a janela,

através da qual brilhavam as luzes da Cidade Imperial, abaixo. Não percebeu hostilidade.

— É verdade. Thrawn era um dos melhores — disse ela.

— Brilhante e criativo, com uma obsessão compulsiva pela vitória.

— Talvez precisasse provar que era igual aos outros Grandes Almirantes — sugeriu Organa Solo. — Principalmente pela sabida ojeriza do Imperador a não-humanos.

— Tenho certeza que esse fato ajudou.

Leia permaneceu com as costas voltadas para ela, aproximando-se da janela.

— Você conheceu bem o Grande Almirante?

— Não. Ele se comunicou com Karrde algumas vezes quando estive lá e visitou nossa base em Myrkr, uma vez. Se interessou muito pelos ysalamiri de Myrkr, numa época. Karrde chegou a calcular que tenham levado de lá cinco ou seis mil... — disse Mara, com cuidado.

— Eu quis dizer, durante a guerra — interrompeu Organa Solo, voltando-se para ela.

Mara sustentou-lhe o olhar. Se Skywalker tivesse conversado com ela... mas por outro lado, se de fato conversara, por que não estava na prisão? Não, ela parecia estar jogando verde para colher maduro.

— E por que eu deveria ter conhecido Thrawn na época da guerra?

— Alguém sugeriu que você já trabalhou para o Império...

— E você queria uma confissão antes de mandar me trancar, não é?

— Não, eu queria saber se sabe de alguma coisa sobre Thrawn, que possamos usar contra ele — discordou Organa Solo.

— Não há nada — informou Mara. — Thrawn não dá chance. Não tem padrão algum, nem estratégias favoritas e muito menos fraquezas aparentes. Estuda seus inimigos e dirige cada ataque contra os pontos psicológicos mais vulneráveis. Não subestima suas forças, nem é orgulhoso demais para recuar quando está perdendo, o que não acontece com muita frequência, como vai descobrir. Algo que possa ajudar?

— Na verdade, sim — disse Organa Solo. — Se pudermos identificar a fraqueza que ele pretende explorar, talvez possamos antecipar o ataque.



— Isso não seria muito fácil — avisou Mara.

— É verdade, mas já é algo para começar. Obrigada por sua ajuda.

— De nada. Mais alguma coisa?

— Não, acho que não. Preciso voltar para ver se durmo um pouco antes que os gêmeos acordem de novo. Você também parece querer ir cedo para a cama.

— E continuo livre para andar pelo palácio?

— Claro — respondeu Organa Solo, com um sorriso. — O que quer que tenha feito no passado, para mim está claro que não serve ao Império agora. Boa noite.

Leia esticou a mão para a maçaneta.

— Pretendo matar seu irmão — disse Mara. — Ele lhe disse isso?

O movimento parou e Organa Solo enrijeceu. Mara sentiu o choque controlado pelo treinamento Jedi. A mão parou no ar e caiu ao lado do corpo.

— Não sabia. Posso perguntar por quê?

— Ele destruiu minha vida. Está errada em presumir que fui apenas servidora do Império. Eu era agente pessoal do próprio Imperador. Ele me trouxe aqui para Coruscant, no Palácio Imperial e me treinou para ser uma extensão de sua vontade pela Galáxia. Eu escutava sua voz de qualquer lugar no Império e sabia dar suas ordens a qualquer um, para tropas de choque até um Grande Moff. Eu tinha autoridade, poder e propósito na vida. Conheciam-me como a Mão do Imperador e me respeitavam da mesma forma que a ele. Seu irmão tirou tudo isso de mim.

Organa Solo virou-se para ela.

— Sinto muito, mas não havia escolha. As vidas e a liberdade de bilhões de seres...

— Não gostaria de discutir o assunto com você — interrompeu Mara. — Não conseguiria entender as coisas pelas quais passei.

Uma sombra do passado distante cruzou o semblante de Leia.

— Você se engana. Entendo muito bem você o que você passou.

Mara encarou-a, mas no olhar dela não havia ódio. Leia Organa Solo, de Alderaan, que fora forçada a observar a primeira Estrela da Morte destruir o seu planeta inteiro...

— Pelo menos você teve uma vida para continuar — resmungou ela, por fim. — Você teve toda a Rebelião... mais amigos e aliados que podia contar. Eu não tive ninguém.

— Deve ter sido difícil.

— Eu sobrevivi. E então? *Agora* vai mandar me prender?

— Você fica dizendo que eu deveria mandar prender você. E isso o que quer?

— Eu já disse o que eu quero. Quero matar seu irmão.

— Quer mesmo? De verdade? — indagou Organa Solo. Mara sorriu.

— Traga-o aqui e provarei.

As duas se encararam e Mara sentiu o toque da técnica Jedi.

— Pelo que Luke me contou, você já teve várias chances para matá-lo. Você não aproveitou.

— Não foi por falta de vontade — declarou Mara, apesar do pensamento já haver ocorrido a ela mesma. — Eu ficava entrando em situações onde precisava dele vivo. Mas isso vai mudar.

— Pode ser — concedeu Organa Solo, os olhos movendo-se pelo rosto da outra. — Ou talvez não seja você que o deseja morto.

— O que quer dizer com isso?

O olhar de Leia fixou-se outra vez na janela, como se observasse uma cena do passado.

— Estive em Endor há alguns meses.

Uma sensação desagradável passou pela espinha de Mara. Ela também estivera lá, levada para enfrentar o Grande Almirante Thrawn... e lembrava muito bem das sensações que perduravam no espaço onde ocorrera a morte do Imperador.

— O que aconteceu lá? — perguntou ela, percebendo a tensão na própria voz.

— Você sabe do que eu estou falando, não sabe? Existe algum tipo de sombra da presença dele lá. Talvez uma boa parte do ódio e da raiva ao final. Como um... não sei...

— Como uma mancha de sangue emocional — completou Mara em voz baixa, percebendo a imagem. — Marcando o lugar onde morreu.

Olhou para Organa Solo, que estava com expressão surpresa, os olhos postos nela.

— É isto que eu queria dizer!

Mara respirou fundo, forçando as sensações desagradáveis para fora da mente.

— E o que isso tem a ver comigo?

Organa Solo estudou-a por um instante.

— Acho que você sabe.

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

— Não. Você está errada.

— Estou mesmo? Você acabou de dizer que escutava a voz do Imperador de qualquer lugar da Galáxia.

— Eu podia escutar a voz *dele* — argumentou Mara. — E mais nada.

— Você é quem sabe — disse Organa Solo, encolhendo os ombros. Talvez valha a pena pensar nisso.

— Vou fazer isso. Se é tudo, pode ir.

Organa Solo assentiu, sem nenhuma irritação por ser mandada embora como uma servente.

— Obrigada pela ajuda. Falo com você mais tarde. Com um sorriso final, ela abriu a porta e saiu.

— Não conte com isso — resmungou Mara, voltando as costas para a mesa e sentando na cadeira.

Aquela situação já fora longe demais. Se Karrde andava muito ocupado para falar com seu contato, então o próprio contato iria retirar a ela e a Ghent dali. Aproximando-se do terminal, digitou os comandos para comunicação de longo alcance e a resposta que rolou pelas telas foi imediata:

ACESSO IMPOSSÍVEL. SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO À LONGA DISTÂNCIA TEMPORARIAMENTE DESLIGADOS.

— Que coisa — resmungou, em voz baixa. — Quanto tempo demora para funcionar?

IMPOSSÍVEL DETERMINAR. REPETINDO, SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO À LONGA DISTÂNCIA TEMPORARIAMENTE DESLIGADOS.

Praguejando, desligou o terminal. Todo o universo parecia conspirar contra ela naquela noite. Apanhou a prancheta de leitura que estivera examinando e largou-a em seguida. Já era tarde e ela já adormecera uma vez na escrivaninha. Se tivesse um pingo de juízo, iria outra vez para a cama.

Caminhando até a janela, debruçou-se no parapeito esculpido e olhou para as luzes da cidade, que se estendiam até meio caminho dos infinitos. Tentou pensar.

Não. Seria impossível. Impossível, absurdo e fora de propósito. Organa Solo podia gastar quanto tempo quisesse argumentando e fazendo aquelas especulações. Depois de cinco anos vivendo daquela forma, Mara deveria saber bem quais eram seus pensamentos e sentimentos. Deveria saber o que era real e o que não era.

Ainda assim...

A imagem do sonho formou-se perante ela. O Imperador, encarando-a com terrível intensidade enquanto Vader e Skywalker avançavam sobre ele. A acusação silenciosa nos olhos amarelos sugeriam que fora a falha dela em cuidar de Skywalker no esconderijo de Jabba que causara aquilo. Aquele jorro incontido de ódio quando os dois sabres-laser foram levantados sobre ele. O grito final, ecoando por sua cabeça...

VOCÊ VAI MATAR LUKE SKYWALKER.

— Pare! — disse ela em voz alta, batendo a cabeça contra o caixilho da janela.

A imagem e as palavras explodiram numa onda de dor e num chuveiro de partículas que se desvaneceram.

Por um bom tempo ela permaneceu ali, escutando o rápido bater de seu coração e os pensamentos conflitantes no interior de sua mente. Com certeza o Imperador desejaria Skywalker morto... mas Organa Solo estava errada. Tinha de estar. Era a própria Mara quem desejava matar Luke Skywalker e não um fantasma do passado.

Em algum ponto distante da cidade, uma luz multicolorida brilhou, iluminando os edifícios e as nuvens baixas. O relógio da antiga Assembléia Comum marcava a hora como vinha fazendo nos últimos três séculos. A luz mudou de textura e oscilou mais uma vez, depois apagou-se.

Meia hora depois da meia-noite. Perdida em seus pensamentos, Mara não percebera que era tão tarde. Ela podia ir para a cama e tentar esquecer toda aquela história para poder dormir um pouco. Com um suspiro, afastou-se da janela...

E parou. Em algum lugar de sua mente, o alarme disparara.

Em algum lugar, por perto, havia perigo.

Apanhou o pequeno desintegrador do coldre no antebraço, apurando os ouvidos. Nada. Olhando pela janela, imaginou se alguém a poderia estar observando enquanto pensava, em seguida moveu-se em silêncio até a porta. Encostando a orelha à madeira, escutou com cuidado.

Por um instante não distinguiu nenhum ruído. A seguir, quase inaudível através da porta grossa, pode perceber o som de passos que se aproximavam. Passos furtivos e decididos, que ela sempre associava com combatentes profissionais. Ficou tensa; mas os passos não se detiveram à sua porta, continuando até o final do corredor.

Contou devagar até dez para deixar que conseguissem uma dianteira sobre ela. Depois, devagar, abriu a porta e olhou para fora.

Havia quatro deles, vestidos com uniforme da segurança do palácio, caminhando em formação de losango. Atingiram o outro corredor e o homem da frente diminuiu o ritmo dos passos e arriscou um olhar através da esquina. Sua mão executou um sinal e os quatro continuaram, dobrando a esquina. Dirigiam-se para a escadaria que levava à secção central do palácio abaixo ou para a torre e as residências permanentes logo acima.

Mara ficou observando, a fadiga transformada pela produção de adrenalina. A formação em losango, o cuidado exagerado e sua própria premonição de perigo... tudo isso apontava para a mesma conclusão.

A Inteligência do Império havia penetrado no palácio.

Voltou para sua escrivaninha e estacou no meio do caminho, praguejando. Uma das primeiras tarefas que o grupo teria realizado, seria penetrar no computador e nos sistemas de comunicação. Qualquer tentativa de fazer soar o alarme, seria interceptada e os colocaria em sobreaviso.

Isso significava que se alguém iria detê-los, ela teria de fazê-lo por si mesma. Segurando com força a empunhadura do desintegrador, Mara

saiu atrás deles.

Conseguiu chegar até a esquina e estava esticando o pescoço para olhar com cuidado do outro lado, quando escutou o estalido de uma trava de segurança, próximo ao seu ouvido.

— Muito bem, Jade — murmurou uma voz em seu ouvido. — Bem devagar, agora. Acabou a brincadeira.